

A HUMANIDADE DE MONSTROS: O SOLDADO ALEMÃO NO FRONT RUSSO (1942-1945)

The Humanity of Monsters: The German Soldier on the Russian Front (1942
- 1945).

Mateus NOGUCHI¹

RESUMO: Este artigo tem como tema as memórias do soldado alemão, que combateu no *front* russo, durante a Segunda Guerra Mundial. Como o soldado alemão se percebia, quais eram suas opiniões sobre a situação em que se encontrava, quais seus medos, aspirações, ansiedades e esperanças. Para alcançar as respostas a essas indagações, foram utilizados dois livros escritos por combatentes do exército alemão, homens que serviram de 1942 a 1945 no front russo, soldados que escreveram suas memórias, recordando seu tempo de serviço e seu dia a dia na guerra contra a União Soviética. Com base nesses livros, objetiva-se traçar a identidade do soldado alemão por meio da análise de suas memórias, a identidade está construída pelos próprios soldados.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra Mundial; Soldado alemão; memória; trauma; identidade.

ABSTRACT: This article has as its theme the memories of German soldiers who fought on the Russian front, during the Second World War. How did the German soldier perceive himself, what were his opinions about the situation in which he found himself, what were his fears, aspirations, anxieties and hopes. To achieve the answers to these questions, we use two books written by German army combatants, men who served from 1942 to 1945 on the Russian front, soldiers who wrote their memoirs, recalling their time of service and their daily life in the war against the Soviet Union. Based on these books, we aim to trace the identity of the German soldier through the analysis of his memories, the identity is constructed by the soldiers themselves.

KEYWORDS: Second World War; German Soldier; Memory; Trauma; Identity.

¹ Graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus de Franca.

Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha Nazista invadiu a Polônia, país vizinho recém reinstituído depois da derrota da Alemanha e de seus aliados na Primeira Guerra Mundial, e constituído a partir de antigos territórios germânicos. Adolf Hitler, líder alemão da época, ao invadir seu vizinho, deu início à Segunda Guerra Mundial, o conflito mais mortal e devastador da história.

Nos cinco anos de combate que se seguiram, a Alemanha experienciou dois deles de apogeu sobre a Europa, quando todas as suas campanhas militares tiveram como resultado vitórias estrondosas. A Polônia caiu em um mês, a Dinamarca capitulou imediatamente depois da declaração de guerra alemã, a Noruega foi derrotada em dois meses (e se configurou como uma das invasões marítimas mais arriscadas, até então). Por fim, rendeu-se a França, um dos principais rivais da Alemanha, país que resistiu diversas ofensivas durante os quatro anos de combate na Primeira Guerra e, para a surpresa de todos, vencida em pouco mais de um mês. O mundo observou com espanto a bandeira nazista sendo estizada por diversos países, a suástica engolindo a Europa. A máquina de guerra alemã parecia imbatível e a Wehrmacht², não encontrava adversários à sua altura.

Da queda da França, em 25 de junho de 1940, até a invasão da União Soviética, (URSS) em 22 de junho de 1941, praticamente um ano, a Inglaterra foi o único país a desafiar Hitler, resistindo em sua ilha e combatendo no Norte da África, até 22 de junho de 1941, quando a Alemanha lançou a famosa operação de invasão à União Soviética, chamada Operação Barbarossa.

Tal operação foi o maior empreendimento nazista, até então. A imensidão da Rússia gerou a necessidade de uma quantidade considerável de material bélico e soldados; além disso, o que os generais alemães chamaram de “O fantasma de Napoleão”, os assombrava. Os planos previam a tomada da capital soviética, Moscou, antes da chegada do inverno. Os alemães esperavam uma vitória rápida e decisiva, um nocaute no primeiro round, por assim dizer. Hitler chegou a se referir à União Soviética como um barraco frágil, que bastava chutar a porta para que o resto desabasse. Ele não poderia estar mais errado, como se pode notar no tão eloquente relato deste soldado alemão, nos primeiros momentos da invasão:

Não esquecerei jamais o primeiro ataque maciço da infantaria soviética que enfrentamos, desde nossa chegada à frente de batalha, em agosto de 1941.

² Às vezes referido como Forças Armadas Alemãs ou como somente o Exército Alemão, mais comumente referente somente ao Exército.

[...] Os primeiros sinais de um ataque iminente começaram por uma curta preparação de artilharia que se abateu à distância por trás de nossas linhas [...] A uma grande distância de nossas posições apareceram em seguida linhas de homens com uniformes marrons. A primeira atravessou um pequeno riacho, seguida a 200 metros por uma segunda. Uma terceira, uma quarta e enfim uma quinta onda saíram literalmente da terra. [...]

A 600 metros de distância, abrimos fogo e todos os grupos da primeira onda foram liquidados, à exceção de alguns sobreviventes que continuavam a avançar. [...] A segunda onda conseguiu aproximar-se mais de nosso centro, não sem sofrer perdas importantes; os homens avançavam penosamente, saltando por cima dos corpos daqueles que tinham caído antes. A uma ordem, eles se lançaram correndo, dando um grito sombrio, cavernoso, que pareceu interminável. [...] As três primeiras ondas foram finalmente abatidas pelo nosso fogo. Mas os sobreviventes continuaram a avançar rastejando, procurando atingir oficiais ou metralhadores.

A progressão da quarta vaga foi ainda mais lenta, atrapalhada por cadáveres que recobriam o terreno. Inconscientes do perigo, alguns de nossos homens atiravam de pé sobre os assaltantes. As metralhadoras esquentavam terrivelmente e era preciso trocar os tubos. [...] Uma hora depois, sofremos um novo assalto de cinco ondas sucessivas. Elas também foram eliminadas. O mesmo aconteceu num terceiro e num quarto ataques. O número de nossos adversários parecia interminável. Os russos renovaram esses assaltos durante três dias e mesmo durante a noite. Eles acabaram parando e recuaram, deixando-nos avançar durante dois dias sem a menor oposição. Essa série de ataques nos havia esgotado. Para dizer a verdade, estávamos assustados. Durante esses dias de outono, vários dentre nós começaram a compreender que a guerra contra a União Soviética seria bem mais imponente do que o previsto, e um sentimento de desânimo, ligado ao medo do desconhecido, tomou conta de nós. Estávamos ainda convencidos de ganhar, mas já sabíamos que essa guerra seria longa, difícil e cruenta (MASSON, 2010, pp. 351-352).

Os primeiros anos da invasão foram realmente marcados por diversas vitórias alemãs. Soldados russos se renderam aos milhares, contabilizando três milhões somente no primeiro ano da ofensiva. A máquina de guerra soviética parecia lenta e incapaz de competir com a velocidade e ferocidade da estratégia de combate alemã, a Blitzkrieg³. Porém, na Batalha de Moscou, os alemães se depararam com sua primeira derrota. Estavam muito perto da capital russa, quando, ao reportarem poder enxergar o brilho emitido pelas cúpulas do Kremlin, tiveram que lidar com o rigoroso inverno russo, antes do esperado e de maneira despreparada. Sem roupas de frio, com gasolina congelando dentro de seus veículos, suas armas apresentando defeitos, falta de comida e suprimentos, a Wehrmacht foi forçada a entrar em um período defensivo até o verão, quando resumiu suas atividades ofensivas.

No segundo ano de batalha, a Alemanha lançou a ofensiva denominada “Caso Azul”, com o objetivo de tomar as reservas de petróleo soviéticas no Cáucaso.

³ Estratégia de combate alemã que envolve o uso coordenado da aviação, infantaria motorizada e elementos blindados com o objetivo de atingir o inimigo com velocidade e ferocidade, negando sua reação. Os tanques, apoiados pela força aérea, abriam buracos nas defesas inimigas que seriam explorados pela infantaria logo em seguida.

Esta ofensiva, assim como os primeiros meses da Barbarossa, foi marcada por vitórias alemãs e um exército vermelho em constante recuo, até a famigerada batalha de Stalingrado, que se estendeu de 23 de agosto de 1942 até 2 de fevereiro de 1943. Stalingrado, importante polo industrial e símbolo do regime de Stalin, tornou-se palco de um dos conflitos mais sangrentos da guerra e da humanidade, também foi o túmulo do 6º Exército alemão e da era de vitórias do Eixo. De 17 de junho de 1942 a 2 de fevereiro de 1943, o exército alemão se encontrou em uma batalha derradeira pelas ruínas de Stalingrado, que culminou no cerco e desmantelamento do sexto exército alemão, composto por 300 mil homens, muitos feitos de prisioneiros, incluindo o Marechal de Campo, e líder do exército, Friedrich Wilhelm Ernst Paulus. Sobre o combate infernal que se estendeu por sete meses, um tenente da 24º Divisão Panzer relatou:

Meus Deus, por que nos abandonastes? Nós combatemos durante 15 dias por um único imóvel, com morteiro, granada, metralhadora, baioneta. Ao final de três dias, já tínhamos deixado 54 cadáveres nos porões ou na escada. A frente passa por um corredor entre dois cômodos calcinados ou um teto. O socorro vinha das casas vizinhas por escadas de incêndio e pelas chaminés. A luta não se interrompe, da aurora ao anoitecer. De andar em andar, o rosto molhado de suor, estamos recheados de granadas, em meio a explosões, a nuvens de poeira e de fumaça, ao assobio dos morteiros, a poças de sangue, a explosões de todo tipo e restos humanos. Perguntai a qualquer soldado o que significa uma hora de combate corpo a corpo e imaginai Stalingrado: 18 dias e 18 noites de combate corpo a corpo! Não se medem mais as ruas a metro, mas pelo número de cadáveres estendidos...

Stalingrado não é mais uma cidade. Durante o dia, fica recoberta com uma imensa fumaça; não é mais do que um gigantesco braseiro. Quando cai a noite, uma dessas noites pontuadas de incêndios, urros e sangue, os cães se jogam nas águas do Volga e tentam desesperadamente alcançar a outra margem. As noites de Stalingrado são um terror. Os animais fogem desse inferno; as pedras mais sólidas não resistem por muito tempo. Apenas os homens conseguem adaptar-se a isso (MASSON, 2010, p.339-340).

Stalingrado marca o fim da superioridade militar e das vitórias do Eixo. A partir de então, a Alemanha fez sua última ofensiva, no verão de 1943, intitulada “Operação Cidadela”, quando suas tropas foram rechaçadas pela forte defesa russa, marcando a longa e sangrenta estrada que os soviéticos fizeram até Berlim e o fim do conflito.

Cabe aqui mencionar que este artigo foca somente no front oriental, de 1942 a 1945, pois 80% das tropas alemãs combateram neste setor e é essencial para o trabalho relatos de soldados com experiência de combate. Além disso, o combate na Rússia é considerado singular se comparado a outros teatros da guerra, com

Revista Ensaios de História, v. XXIII, n. 1, 2022

exceção, talvez, do Pacífico, onde a violência e a ferocidade dos combates se equipararam, porém não ocorreu conflito ideológico entre os combatentes envolvidos.

Na Rússia, a batalha era não só pelo domínio territorial ou de recursos, mas também pela prevalência de uma ideologia sobre a outra, a Nacional Socialista contra o Socialismo, ambos dependiam da aniquilação total um do outro para poderem existir. E, além do combate ideológico, o fator racial também se enquadrava, uma vez que os germânicos procuravam a quase extinção dos eslavos, vistos como sub-humanos, como animais raivosos que precisavam ser sacrificados pelo bem da humanidade. Em contrapartida, os russos lutaram pela defesa de sua ideologia, mas muito mais importante, pela sua sobrevivência. Tais fatores escalaram a violência a níveis nunca vistos antes e levaram os combatentes, de ambos os lados, ao limite, seja da maldade ou da bondade, cometendo tanto atos atrozes de extermínio, como atos de compaixão, abnegação e empatia. Tais características se tornaram aparentes na leitura de diários, cartas e livros escritos pelos soldados alemães.

Este trabalho, portanto, insere-se na área da história militar e, conseqüentemente, é válido tratar brevemente de como ela vem sendo desenvolvida atualmente no Brasil. A história militar tem sido uma área pouco explorada nos últimos anos, e parte disso se deve tanto ao trauma e ressentimento gerado pelo período de ditadura militar (1964-1985), quanto pela falta de perspectiva de que a história militar hoje é muito mais que um estudo sobre números, batalhas e grandes generais. Como se observa no livro *Os novos domínios da História* (2011):

As palavras de Keegan iluminam uma característica original de parte dos estudos da nova história militar, a antropologização de diversos temas, ou seja, a busca de diferenças no seio de um mesmo exército; as metamorfoses identitárias dos soldados; as relações entre pelotões em missão com as comunidades em contato; a experiência individual dos combatentes, a dor, o sofrimento, o voluntarismo, a covardia, a esperança na vitória ou na simples sobrevivência. Buscar o rosto da batalha passou a ser um dos propósitos da disciplina, em vez de narrá-la pelo alto (CARDOSO; VAINFAS, 2011, p.121).

Seguindo a lógica de Keegan, são trazidas à tona as vidas e histórias de Guy Sajer e Armin Scheiderbauer, ambos combatentes do mesmo exército, na mesma guerra e no mesmo front, porém, com experiências e perspectivas vastamente

diferentes umas das outras. Por eles é feita a história do Landser⁴, do soldado nas trincheiras, na lama e muitas vezes ignorado em prol de algo mais amplo. Estes homens sabem disso; Sajer até reclama, escrevendo no seu livro:

Generais têm escrito sobre tais eventos, localizando catástrofes específicas e às resumindo em uma sentença ou em algumas linhas as perdas sofridas, mas eles nunca, até onde sei, dão a devida importância à desgraça dos soldados abandonados a um destino que um não desejaria até ao mais miserável dos vira-latas. Eles nunca evocam as horas e horas de agonia... Eles nunca mencionam o soldado comum, às vezes coberto por glória, outras abatido e derrotado..., confundido por assassinato e degradação, e mais tarde desilusão, quando ele percebe que a vitória não retornará sua liberdade (SAJER, 1965, p.129)⁵.

Neste artigo é contada essa história, a dos derrotados e esquecidos, de homens que lutaram e morreram, nem sempre por um ideal nefasto que, de fato, precisava ser combatido, mas porque foram vendidas para uma geração inteira ideias falsas a respeito da vida militar, da guerra e do nacionalismo.

Antes de se prosseguir o artigo, faz-se importante explicitar que este não é sobre a Guerra em si, mas sobre a natureza do homem quando exposto e envolto em um ambiente extremamente hostil e suas recordações sobre situações vividas nestes ambientes. Semelhante ao trabalho do historiador americano Stephen G. Fritz, em seu livro *Frontsoldaten – The German Soldier in World War II* (O Soldado no Front – O Soldado Alemão na Segunda Guerra Mundial), a proposta aqui é analisar memórias, ações e pensamentos dos alemães que na Rússia combateram, procurando dar-lhes voz. Entende-se que muitos alemães lutaram, sangraram, sofreram e depois de tudo isso se decepcionaram com os ideais vendidos a eles, os mesmos ideais que eles defenderam e pelos quais deram suas vidas com tanto fervor. Porém, assim como Fritz aponta no prefácio de seu livro, este trabalho não trata da glorificação do soldado alemão, pois, tanto nos livros escritos pelos próprios soldados, quanto em diversos outros estudos históricos referentes ao conflito, é óbvia a participação e execução de diversas atrocidades por parte desses homens, por motivos ideológicos e raciais.

Com isso dito, é necessário expor os protagonistas deste trabalho, Guy Sajer e Armin Scheiderbauer. Este último nasceu em 13 de janeiro de 1924, na cidade de

⁴ Equivale-se ao G.I. americano ou ao Tommy inglês, traduz-se como “soldado”.

⁵ Tradução nossa. Todas as citações deste autor e de Scheiderbauer foram por nós traduzidas para facilitar a leitura e a fluência do texto.

Gröbming, na Áustria, o filho mais velho de um pastor protestante. Em 1930, Scheiderbauer e sua família se mudaram para o estado alemão da Turíngia para ganhar mais experiência em como era a vida religiosa na “Terra Natal”, e foi ali que ele passou a maior parte de sua infância. Em razão da profissão de seu pai como pastor, a criação de Scheiderbauer foi extremamente influenciada pela religião. Rezas eram feitas ao amanhecer, ao anoitecer e em todas as refeições. Desde cedo, ele também sempre esteve envolvido com atividades na igreja; além de participar das missas, ele também tinha o dever de tocar o sino da igreja e o órgão aos domingos. Mais velho, ele recorda que sua criação religiosa e seus valores, com ênfase no dever, em ações positivas e colocando em prática virtudes cristãs no seu dia a dia, tiveram grande influência em suas ideias e maneiras de enxergar a vida.

A Religião, porém, não foi a única influência no desenvolvimento social e psicológico de Scheiderbauer. Desde jovem, ele já mostrava um forte interesse em história e principalmente na história alemã, tendo formado na sua infância ideias a respeito da Alemanha e seu lugar no mundo. Os eventos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e as supostas injustiças forçadas ao povo alemão pelo Tratado de Versalhes de 1919 foram acontecimentos que Scheiderbauer aprendeu desde cedo na escola. Particularmente, ele sabia e tinha muito orgulho das medalhas que seu pai havia ganhado por combater durante o conflito. Scheiderbauer também ressalta dois acontecimentos em especial que influenciaram muito sua visão simpática a ideais nacionalistas. O primeiro foi a visita à sua escola de um veterano de uma batalha naval durante a Primeira Guerra Mundial, o que inspirou o jovem Scheiderbauer a querer se alistar na marinha para se tornar oficial em um submarino. O segundo foi a performance das peças “Wallenstein”⁶, de Friedrich Schiller, e “Egmont”⁷, de Goethe, obras que nele inspiraram uma forte admiração pelos valores militares e um interesse vivo por ideais “heroicos”. Além dessas

⁶ Wallenstein costuma ser a designação popular da trilogia do autor alemão Friedrich Schiller. Ela consiste das peças “O Acampamento de Wallensteins” (Wallensteins Lager), “O Piccolomini” (Die Piccolomini) e “A Morte de Wallenstein” (Wallensteins Tod). A obra acompanha o declínio do general Albrecht von Wallenstein, baseando-se livremente em acontecimentos durante a guerra dos 30 anos. Wallenstein falha no pico de seu poder como o bem sucedido comandante supremo do exército imperial e se rebela contra o rei Frederico II.

⁷ Em Egmont, Goethe retrata a luta do Conde Egmont (1522-1568) durante a guerra dos 8 anos contra o despótico Duque de Alba. Egmont é um famoso guerreiro holandês e o Duque de Alba representa os invasores espanhóis. Mesmo sob ameaça de prisão, Egmont se recusa a fugir e desistir de seu ideal de liberdade. Aprisionado e abandonado pela covardia de seu povo, ele é sentenciado à morte. A peça acaba com o último chamado por uma luta pela independência feito pelo herói. Sua morte como um mártir é retratada como uma vitória contra os opressores.

experiências, o próprio ambiente no qual Scheiderbauer vivia ajudou a fortalecer esses ideais militares e nacionalistas. Ele se lembra de ser inspirado por imagens históricas alemãs nos pacotes de cigarros da época, assim como nos livros que detalhavam assuntos como a história das colônias alemãs perdidas, que ele ganhou como prêmios durante seu período escolar. Logo, desde sua infância, Scheiderbauer já tinha total convicção que uma vida nas Forças Armadas era o caminho mais honrado a se seguir.

Sua família também não era alheia aos acontecimentos políticos da época; muito pelo contrário, pois em 1931 seus pais se filiaram ao Partido Nazista, atraídos pelos ideais do “Cristianismo Positivo”⁸ pregados pelo partido. Seu tio estava ainda mais politicamente envolvido. Fugiu da Áustria para a Alemanha depois do fracasso do putsch⁹ de 1934, ele também era um membro da legião austríaca, grupo paramilitar nazista. O próprio Scheiderbauer fez parte da juventude hitlerista ocupando cargos como portador de estandarte e tesoureiro. Mas, a partir de 1934, a família se encontrou cada vez mais em oposição ao cenário político da época. Em razão do maior controle nazista sobre a igreja e sua intrusão em questões doutrinárias, como a ideia de que o Antigo Testamento era composto por textos corrompidos escritos por judeus, o pai de Scheiderbauer se viu compelido a aderir ao movimento “Bekennende Kirche” ou Igreja Confessional, que era oposta à influência nazista sobre a igreja e suas doutrinas. Por mais que não tenha sido expulso do partido, o pai de Scheiderbauer foi sujeito a inúmeros e hostis interrogatórios. Visto com desconfiança pela hierarquia da igreja e pela sua própria congregação, ele se viu obrigado a retornar para Áustria, porém só conseguindo uma posição como ministro auxiliar, um rebaixamento que não só abalou seus sentimentos como as circunstâncias financeiras da família.

Ainda jovem, Scheiderbauer tinha pouco conhecimento da situação política de

⁸ Cristianismo positivo, também conhecido como cristianismo nazista, (em alemão Positives Christentum) foi um movimento na Alemanha nazista que pretendia fundar um modelo de cristianismo coerente com o nazismo, tentando construir uma Igreja Nacional do Reich. Adeptos do Cristianismo Positivo argumentavam que o cristianismo tradicional enfatizava os aspectos passivos em vez dos ativos na vida de Jesus Cristo, acentuando seu sacrifício na cruz e a redenção sobrenatural. Eles pretendiam substituir isso por uma ênfase “positiva” do Cristo como um pregador ativo, organizador e combatente que se opôs ao judaísmo institucionalizado de sua época.

⁹ Golpe de Julho, também conhecido como Putsch de Julho (em alemão: Juliputsch) foi um golpe de Estado fracassado perpetrado pelo Partido Nacional-Socialista Austríaco, em 25 de julho de 1934. Embora os conspiradores conseguissem tomar a sede do governo e assassinar o chanceler Engelbert Dollfuss, foram cercados e, na falta de apoio externo, tiveram que se render.

seu pai. Porém, depois do retorno à Áustria, logo antes do início da guerra, dois fatos o levaram a ter maior desconforto com o contexto político em que o país se encontrava. O primeiro foi quando ele foi levado a uma demonstração feita por professores escolares e, durante o evento, alguns deles começaram a atacar verbalmente e diminuir os judeus presentes. Um amigo da família que viu Scheiderbauer e seus colegas de classe na demonstração desaprovou e o criticou por participar do ataque, o que o fez se sentir extremamente desconfortável. O segundo foi em 1939, quando Scheiderbauer e um grupo de amigos foram presos e detidos na delegacia de polícia durante a noite. Os jovens não faziam noção da razão de seu aprisionamento, mas pela manhã lhes foi revelado o motivo: eles não deveriam estar vagando pelas ruas, pois o Gauleiter (líder provincial na época) visitaria a cidade. Scheiderbauer e seus colegas não sabiam da visita. Ambos os acontecimentos lhe incutiram um forte senso de injustiça.

Apesar dessas experiências, Scheiderbauer se alistou assim que terminou sua vida escolar, em 1941. Ele estava tão ansioso para servir que se recorda que, com a notícia da queda de Paris, sua maior preocupação era que a guerra acabasse antes dele poder participar dela. As histórias de heroísmo com as quais ele foi criado levaram-no a acreditar que a profissão mais nobre no exército era a de oficial de infantaria. Seu próprio pai tinha sido um durante a Grande Guerra. Scheiderbauer acreditava que o tipo de combate conduzido pela infantaria era o mais autêntico e heroico de todas as forças. Para ele, a vida de um oficial representava valores similares aos da igreja, estes sendo, segundo ele: “Dever para com a pátria, comprometimento com a ordem e decência na sociedade e cuidado e responsabilidade para com seus subordinados.” (SCHEIDERBAUER, 2003, s/p). E, com apenas 17 anos, Armin Scheiderbauer partiu, em julho de 1941, para iniciar seu treinamento básico, o qual concluiria em 1942. A partir de julho de 1942, Scheiderbauer experienciaria seus primeiros combates no front russo.

Foram estes os caminhos que levaram Armin Scheiderbauer à Segunda Guerra. Enquanto a trajetória de Guy Sajer, pseudônimo de Guy Mouminoux¹⁰ foi peculiarmente diferente. Sajer nasceu em 13 de janeiro de 1927, no mesmo dia que Scheiderbauer, em Paris. O fato curioso, como pode ser notado, é que Sajer é de nacionalidade francesa, pois seu pai era francês, mas sua mãe alemã. Como ele

¹⁰ Prossegurei o artigo me referindo a ele como Guy Sajer, pois é o nome com o qual ele assinou seu livro, Sajer sendo o nome de solteira de sua mãe.

mesmo diz: “Meus pais eram pessoas do campo, nascidos a centenas de milhas a parte – uma distância repleta de dificuldades, estranhas complexidades, fronteiras confusas e sentimentos que eram equivalentes, mas intraduzíveis (SAJER; 1965, s/p)”. Sajer foi criado na região da Alsácia, que foi ocupada pelos alemães após a queda da França, em 1940. Assim como Scheiderbauer, ele se alistou tão logo fosse possível, em 1942. Curiosamente, Sajer fala pouco de sua vida antes do exército, raramente descrevendo suas influências enquanto cresce, diferentemente de Scheiderbauer. O que é claro é que suas motivações para a carreira militar estão muito ligadas ao fervor nacionalista e entusiasmo com a vida militar comum na época; quanto ao fato dele ter se alistado no exército alemão e não francês, também não é complicado de se explicar. Sajer tinha somente 13 anos quando a Alsácia foi anexada pelos alemães, portanto, quando atingiu a idade de se alistar não havia outra opção senão o exército alemão. Em entrevistas, ele recorda que sua infância foi passada em acampamentos para jovens, primeiramente em Estrasburgo na França e depois em Kehl, na Alemanha, e que era comum entre os meninos o sonho de se alistar na Wehrmacht.

Diferentemente de Scheiderbauer, Sajer tentou primeiro se alistar na Luftwaffe¹¹, mas falhou no teste de admissão, sendo recrutado para a infantaria e mandado para treinamento na Polônia. Porém, enquanto Sajer está começando seu treinamento básico, Scheiderbauer estaria tendo seus primeiros contatos com a guerra e seus horrores. É nítida a diferença de informações entre estes homens quando se trata da sua vida antes do serviço militar. Scheiderbauer faz um esforço muito maior em detalhar sua vida antes do exército e seus motivos para entrar no mesmo. Sajer, por outro lado, começa seu livro direto no treinamento, raramente fazendo menções a sua vida antes do exército durante o livro, como se não houvesse um Guy Sajer antes do exército, pelo menos dando muito menos importância para quem ele era antes do alistamento.

É importante ressaltar também como ambos os homens decidem relatar suas memórias e a relação que eles tiveram com a guerra. Já nos títulos, *The Forgotten Soldier* de Sajer tem muito mais clara a frustração e o sentimento de esquecimento e desprezo que o autor sofria, falando abertamente em seu livro suas frustrações no pós-guerra:

Naquela época eu pertencia aos vitoriosos aliados, os quais eram todos

¹¹ Força Aérea Alemã.

heróis, como todos os soldados franceses que conheci depois da guerra. Somente os vencedores têm histórias a contar. Nós, os vencidos, éramos todos covardes e fracos até então, cujas memórias, medos e entusiasmos não deveriam ser lembrados (SAJER, 1965, p.59).

Já Scheiderbauer, com seu *Adventures of my Youth* tem um tom muito mais conformado com os traumas e experiências vividas durante a guerra e suas repercussões em sua vida depois do fim.

Cabe aqui notar e ressaltar a data de publicação de ambos os livros. Sajer publicou o seu em 1965, vinte anos depois do fim do conflito, enquanto Scheiderbauer lançou o seu somente em 2003, quase sessenta anos depois da guerra. Sajer está muito mais próximo de suas memórias e muitas delas ainda o afetam diariamente. Esquecimento, frustração e desilusão são temas extremamente recorrentes em seus relatos. Ele demonstra claros sinais de transtorno de estresse pós-traumático, como podemos ver em seu prefácio: “Veio um dia em que eu deveria ter morrido, e depois disso nada parecia muito importante. Então eu me mantive como sou, sem arrependimentos, desconexo da condição normal humana” (SAJER, 1965, s/p).

Enquanto o livro de Scheiderbauer tem muito mais veracidade histórica, comparada com o de Sajer, este sempre deixou muito claro que sua intenção nunca foi escrever um livro cujo foco fosse transpor fatos de maneiras exatas, nunca passou pela sua mente que seus relatos serviriam para trabalhos históricos de cronologia ou descrições profundas sobre as operações relatadas. Tanto que seu livro foi considerado pelo U.S. Army Command and General Staff College¹² um preciso “roman à clef”¹³ e tem sido uma das recomendações fixas de leitura para Segunda Guerra Mundial, com o intuito de demonstrar aos oficiais o horror das batalhas a que seus soldados estão sempre submetidos. Também está na lista de leituras recomendadas pelo comandante dos fuzileiros navais americanos¹⁴.

A respeito do livro de Sajer, muitos dos personagens no livro são fictícios ou com nomes diferentes dos originais. Um desses personagens supostamente fictícios

¹² Colégio de Comando e Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos. É uma escola de formação de oficiais do exército americano.

¹³ Expressão francesa cuja tradução aproximada é "romance com chave", designa a forma narrativa na qual o autor trata de pessoas reais por meio de personagens fictícios. Em alguns casos, o autor recorre a anagramas ou pseudônimos para referir-se a sujeitos reais. Também cabe mencionar o romance *Nada de novo no front*, do alemão Erich Maria Remarque, que também segue o mesmo estilo ao retratar o cotidiano das trincheiras da Primeira Guerra Mundial.

¹⁴ HISTORICAL BIBLIOGRAPHY No. 8 Military Classics.

é um de seus capitães, um homem chamado Weisreidau. Supostamente fictício, pois, segundo Helmuth Spaeter, líder da Associação dos Veteranos da divisão Grossdeutschland¹⁵ e crítico inicial da veracidade dos fatos no livro de Sajer, não encontrou nenhum registro sobre este capitão nos arquivos da Associação. Weisreidau, segundo Sajer, é o exemplo de um líder nato, sempre à frente de seus homens, importando-se e sofrendo com eles, quase uma figura idealizada do oficial perfeito. Weisreidau também faz um discurso, que aqui se atribui a Sajer, desabafando suas angústias durante a guerra. Ele diz:

Nós somos odiados de todos os lados: se perdêssemos amanhã, aqueles entre nós ainda vivos após tanto sofrimento serão julgados sem justiça. Nós seremos acusados de uma infinidade de assassinatos, como se em todo lugar e em todo tempo, homens em guerra não se comportassem da mesma maneira. Aqueles que têm interesse em pôr um fim em nossos ideais irão ridicularizar tudo em que acreditamos. Nada nos será poupado. Até as tumbas de nossos heróis serão destruídas, só preservando – como um gesto de respeito aos mortos – as quais contenham figuras de heroísmo duvidoso, aqueles que nunca foram completamente cometidos à causa. Com nossas mortes, todos os atos de heroísmo, que nossas circunstâncias diárias proporcionam e memórias de nossos companheiros, vivos e mortos, e nossa comunhão de espíritos, e nossos medos e esperanças, serão esquecidos, e nossa história nunca será contada. Gerações futuras falarão somente de um idiota e inútil sacrifício (SAJER, 1965, p.143).

É possível, outrossim, que um capitão cujo nome Sajer não se recorda e escolhe nomeá-lo “Weisreidau” tenha existido, mas como o próprio autor admite que existem personagens fictícios e o objetivo de seu livro era transpor seus sentimentos mais profundos a respeito dos eventos que ele viveu durante a Segunda Guerra, é possível também que este capitão só seja uma idealização do oficial que Sajer nunca teve e que, por intermédio dele, achou uma voz para expressar certas angústias, raivas e medos.

Faz-se necessário começar a expor algumas das experiências de guerra que ambos os homens experienciaram. Nenhum deles censura ou diminui as experiências por eles vividas no front. Sajer se recorda da execução sádica de alguns prisioneiros russos:

Uma vez, para meu horror, eu vi um desses assassinos amarrando as mãos de três prisioneiros nas barras de um portão. Quando a vítima estava devidamente amarrada, o executor prendia uma granada no bolso do casaco de um dos prisioneiros, puxava o pino e corria para um abrigo. Os três russos, cujas tripas estavam para fora, gritaram por misericórdia até o último momento. (SAJER, 1965, p.79)

¹⁵ Traduz-se para a Grande Alemanha, foi uma divisão militar que serviu no Exército Alemão durante a Segunda Guerra Mundial.

Paradoxalmente, Sajer também se recorda de um momento muito singelo e humano com prisioneiros russos. Após um ataque bem sucedido, vários prisioneiros foram feitos e Sajer recorda sua experiência com eles:

Todos sorriamos uns para os outros sem distinção, como jogadores de dois times em um vestiário após uma partida. Não havia mais nenhum sentimento de ódio ou vingança, somente um sentimento de vida preservada e uma gigantesca exaustão. A chuva ficou tão pesada que tivemos que improvisar um abrigo, e cobrimos nossas cabeças e ombros com nossas lonas de acampamento. Por mais que a maioria de nós não entendesse mais que algumas palavras do outro idioma, nós ríamos e trocávamos cigarros – cigarros de Hannover por tabaco machorka das planícies do Tartar. Nós fumávamos e ríamos sobre nada – um “nada” que representava a mais absoluta alegria humana que eu havia conhecido. A troca de tabaco, a fumaça embaixo das lonas de acampar, que nos fazia tossir e se engasgar, e o simples fato da risada sem restrição – tudo isso fez uma ilha de felicidade em um mar de tragédias, que nos afetou como uma dose de morfina. Enquanto nossos estupefatos sentidos acordavam novamente para perceber a vida, nós esquecemos todo o ódio que nos dividia. Entendendo nada, eu ria incontrolavelmente, enquanto uma curiosa sensação tomava conta de mim e enchia minhas veias. De repente, eu estava arrepiado, assim como um fica ao ouvir uma parte especialmente tocante de uma música. A chuva continuava a cair sob o teto de metal. Iriamos nós atirar em nossos colegas russos amanhã? Isso parecia impossível; era impossível que tais coisas continuassem. (SAJER, 1965, p.158-159).

Scheiderbauer, por sua vez, relata um ataque falho contra uma posição fortificada defendida pelos russos. Após o ataque ter falhado, ele conta:

O ataque tinha sido repellido e o inimigo havia parado de lançar sinalizadores. Sob a pálida luz do luar, enquanto eu pulava de cratera em cratera, eu mantive meus olhos abertos para o restante de minha companhia.

Assim como homens mortos, eu vi homens feridos encolhidos dentro de crateras ou rastejando de volta. Em duplas ou trios, agachados atrás de cobertura todos juntos. “Herr Leutnant!”¹⁶, um deles me chamava. Eu pressionei minha mão sob meu estômago queimante e decidi que estava levemente ferido. “Herr Leutnant, aqui!” Fui chamado novamente. Enquanto eu procurava ouvir a voz e movendo para sua direção, eu fui derrubado por mais um tiro. Eu me esgueirei até a cratera mais próxima. Lamentos gritavam por médicos. O inimigo mantinha seu fogo pesado. Eu não tinha tempo para checar meu terceiro ferimento. Eu só senti alívio ao pensar que não poderia ser algo sério.

Enquanto eu me apoiava contra a beira da cratera, uma munição de morteiro explodiu muito próxima da minha cobertura. Um homem se jogou na cratera grunhindo de dor. Sua voz eu reconheci como a que estava gritando antes, um velho Obergefreiter¹⁷. “Eu perdi minha mão”, ele grunhiu. Eu a vi pendurada em sua luva. Grunhindo, ele me pediu para abrir a fivela de seu cinto. Enquanto eu alcançava pelo cinto, eu fui tomado por um horror. Eu senti a suave quente carne de seus intestinos. Minhas mãos

¹⁶ Traduz-se para Senhor Tenente.

¹⁷ Seria o equivalente à patente de Cabo.

entraram direto em sua barriga. Ela estava aberta ao longo de seu corpo. “Eu vou buscar o médico” eu disse para ele, mesmo sabendo que ele estava além de ajuda. Mas eu não poderia partir e deixá-lo sozinho para morrer. Afinal, ele havia seguido as minhas ordens.

Minutos se passaram. Pareceram com uma eternidade, entretanto, não tinha passado da meia noite. O gravemente ferido Obergefreiter havia endurecido e sua respiração vinha de maneira penosa. Eu vi o branco de seus olhos brilhando e senti sua mão inteira procurando pela minha. “Ah, Herr Leutnant”, ele disse. Sua cabeça caiu para o lado. Novamente, eu estava abalado pelo sentimento de horror. Finalmente, eu me movi de cratera a cratera (SCHEIDERBAUER, 2003, p.71-72).

Porém, antes desse horrendo ataque, Scheiderbauer se recorda de um peculiar encontro com um senhor russo. Durante a recuada alemã, Scheiderbauer e seus homens receberam a ordem de queimar e destruir qualquer recurso que pudesse ser utilizado pelo inimigo. Isso incluía equipamentos militares, alimentos, animais, plantações, casas, pontes, entre outros. Ao queimar um vilarejo quase abandonado, ele recorda:

À parte de alguns idosos, os habitantes haviam evacuado o vilarejo. Lágrimas estavam correndo nos rostos daqueles que ficaram para trás. Um homem absolutamente ancião, que havia me reconhecido como um oficial, levantou suas mãos. Ele lamentou e me pediu para poupar sua casa na qual ele havia vivido toda sua vida e onde desejava morrer. O velho homem havia me tocado. Era estranho que propaganda intensa e as tantas impressões de crueldade daquela campanha, não foram capazes de suprimir a pura sensibilidade humana. Eu lutei com meus sentimentos de dever, e fiquei aliviado que meus homens simpatizaram comigo quando os ordenei a poupar a casa do senhor.

Minha companhia continuou o trabalho e ateou fogo na próxima casa de madeira usando um monte de galhos. O velho homem tentou beijar minhas mãos, e me desejou uma vida longa. Acenando sua gratidão, eu expliquei para ele que deveria tomar cuidado para que as chamas das casas vizinhas não se espalhassem para a dele. Se entre homens houvesse um “figurão” ou um “fanático” eu teria arriscado sofrer uma corte marcial em prol daquele velho russo. Mas não havia nenhum desse tipo entre nós. Assim que um homem se encontrava entre soldados na linha de frente, ele logo reaprenderia seus valores (SCHEIDERBAUER, 2003, p.67).

Por meio desses relatos, fica claro o grau de violência e carnificina que esses homens experienciaram, mas também a estranha humanidade e senso de empatia que existia entre homens em guerra e os civis envolvidos. Porém, Scheiderbauer e Sajer reagem de maneiras diferentes ao terem que voltar para o front, depois de seus períodos de dispensa. Sajer, que dela gozou em Berlim e lá conheceu uma garota chamada Paula e com a qual teve relações românticas, não tinha vontade alguma de retornar ao front. Sobre voltar ao front, Sajer diz: “Eu tinha somente cinco dias de sobra, e me sentia oprimido e agoniado com o prospecto de partir. Paula,

que temia tanto quanto eu, tentou preencher minha mente com outros pensamentos” (SAJER, 1965, p.100).

Scheiderbauer, por sua vez, foi mandado de dispensa depois de seus ferimentos, passando até alguns dias em Paris, pois segundo ele: “Na época, havia uma ordem que a qualquer membro da Wehrmacht que estava viajando oficialmente, até ou por Paris, era permitido uma parada de até 48 horas para apreciar a cidade” (SCHEIDERBAUER, 2003, p.78). Depois disso, foi mandado para uma unidade de treinamento até estar totalmente pronto para o combate. A respeito desse tempo em treinamento, ele escreve:

Eu gostaria de ir “para o campo, para a liberdade”. Eu estava ansioso para experienciar novamente a camaradagem do front, a experiência única de comunidade, pela qual todo homem jovem tinha um especial afeto. Lá e em nenhum outro lugar era onde eu tinha essa experiência. Para melhor ou pior você pertencia lá, junto. Lá, as coisas eram certas (SCHEIDERBAUER, 2003, p.83).

A respeito do vínculo entre soldados, a irmandade em armas, o tenente coronel americano Dave Grossman, em seu livro *On Killing: The Psychological Cost of Learning to Kill in War and Society*, quando aborda este senso de camaradagem, diz que o vínculo entre soldados é mais forte que o de marido e mulher, somente sendo superado pelo vínculo entre pais e seus filhos. É possível certo exagero, mas o que é inegável é que de fato existe um vínculo único entre os homens que compartilharam tantas experiências traumáticas no front. Até hoje, em muitas entrevistas com soldados americanos que retornaram do Iraque ou Afeganistão, quando perguntados sobre o que mais sentem falta da vida militar e de estar em serviço, a resposta é quase unânime: o senso de camaradagem.

Aqui não se acusa Sajer de não possuir esse vínculo com seus colegas do exército, mas Scheiderbauer tem uma característica única que o separa e distingue consideravelmente de Sajer: Scheiderbauer era um oficial. Este chega à patente de tenente, comandando dezenas de homens, que dependiam e contavam com sua liderança. Essa pressão, ainda mais em um jovem de dezenove anos, pesou muito sobre ele. O medo da morte ou de ferimentos severos era praticamente desprezível se comparado com o de falhar ou não corresponder com as expectativas de seus homens ou de levá-los à morte por maus julgamentos ou ordens erradas. Depois de seus ferimentos, Scheiderbauer foi levado para cirurgia, pois um deles havia

infeccionado, e ele se recorda do médico achar engraçadas suas divagações de oficial, enquanto sob o efeito do anestésico. Sobre isso ele recorda:

Ainda sob sua influência, eu divaguei a respeito de quão bom fora passar, de completamente consciente, para o inconsciente. Toda responsabilidade tinha sido tirada de mim, e todos os pensamentos de dever e compulsão foram embora. A expressão cética na face do cirurgião me mostrou que ele não tinha ideia do que eu falava. Ele provavelmente não tinha ideia do fardo da responsabilidade colocado sobre os ombros de um comandante de companhia de dezenove anos. Após sair da mesa de operações, eu disse "Obrigado, senhor", como era apropriado. Mas ele não entendeu. "Não se preocupe, meu garoto", foi sua resposta para o agradecimento tão sério que havia dado (SCHEIDERBAUER, 2003, p.72-73).

Raramente no livro de Scheiderbauer é possível notar o medo da morte ou de ferimentos, já que normalmente esses trechos aparecem quando ele se encontrava sozinho ao redor de inimigos. Mas, no calor da batalha, ele sempre tinha o dever em mente e o medo de falhar com seus homens era muito maior que o da morte. Isso se alia facilmente com sua criação e os valores cristãos nos quais ele acreditava.

Ao mesmo tempo, Sajer também temia pela vida de seus colegas, mas nunca de uma perspectiva de se sentir responsável por eles, mas por simples apego. O livro de Sajer é repleto de passagens em que ele teme por sua vida ou deseja fugir. O que também não se pode descartar é que todos os soldados possuem uma noção de que há expectativas sobre eles, sobre coragem, dever e sacrifício, e isso também pesa sobre o estado psicológico dos soldados rasos, muitas vezes propiciando que se mantivessem em combate não importando o quão traumáticas fossem as situações. Porém, o senso de responsabilidade é diferente; o soldado cobra de si mesmo, dele há certos valores e ações que são esperados e cabe a ele executá-los, enquanto os oficiais não são uma exceção, mas deles é cobrado e esperado ainda mais.

Agora, cabe aqui discutir um dos pontos mais importantes do artigo, o porquê destes homens lutarem. Começando por Scheiderbauer, nos anos finais da guerra e com a posição alemã cada vez mais precária, ele se encontrava cada vez mais em batalhas invencíveis ou retiradas desesperadas. Com a tentativa de assassinato de Hitler, ele divaga:

No anoitecer de 22 de julho foi anunciado que uma tentativa de assassinato havia sido cometida contra o Führer em 20 de julho. Entre nós havia mais surpresa que fúria. Nós não tivemos tempo para comentar sobre o evento e menos ainda para refletir sobre ele. Eu pensei comigo mesmo, que sem

dúvida era algum tipo de traição que havia acontecido. Mas, eu continuei pensando, homens cujos nomes eram Yorck, Stauffenberg, Witzleben, e Moltke¹⁸ não seriam prováveis de trair a Alemanha, nem seriam capazes de trair o que a Pátria alemã significava para eles. Eu pensei que talvez eles tivessem agido em prol da Alemanha e não contra ela (SCHEIDERBAUER, 2003, p.103-104).

Scheiderbauer comenta também que nos momentos finais da guerra, nem ele e nem os homens ao seu redor lutavam pelo partido ou pelos seus ideais, mas sim por um senso de medo pelo futuro da Alemanha, medo do que ela se tornaria assim que os russos quebrassem suas defesas. Ele comenta brevemente sobre isso depois de um avião russo lançar panfletos incentivando a deserção, questionando os soldados alemães do porquê lutarem por “Hitler e sua laia”, ele recorda: “A situação não era tão simples quanto o panfleto sugeria. Ninguém pensava que era sobre a sobrevivência de Hitler e sua Laia” (SCHEIDERBAUER, 2003, p.109. Em uma conversa por cartas com seu pai, que também estava alistado e lutando no front ocidental, Scheiderbauer se recorda do pai comentar que a guerra estava perto do fim e torcia para isso, porém, o oficial não gostava deste pensamento. Sobre isso, ele escreve:

Esperança para que a guerra estivesse próxima do final era algo que eu não nutria, nem em segredo. Eu também acredito que nenhum dos meus camaradas compartilhava deste anseio, porque a alternativa, especificamente do que aconteceria com a Alemanha assim que as represas do front ocidental se rompessem, era simplesmente inimaginável (SCHEIDERBAUER, 2003, p.122).

Em Scheiderbauer nós vemos o soldado estereotipado, o soldado que não foge do seu dever com a pátria e tem sempre em mente o autossacrifício. Suas motivações, e de muitos homens que serviram com ele, eram as de defender seu país, muitos sabiam das atrocidades cometidas na Rússia e tinham claramente noção do senso de vingança que acompanhava o avanço soviético. Até o fim, Scheiderbauer lutara com essa mentalidade, sempre seguindo a expectativa posta sobre ele de como um oficial do exército alemão deveria agir, até sua captura, em 1945, ao estar gravemente ferido num hospital militar quando se rende aos russos. Ao contrário de Scheiderbauer, Sajer não tem essa pressão nacionalista com a Alemanha. Mas, sim, nele há um conflito de nacionalidades, como visto em um dos trechos citados, quando ele se refere a si mesmo como pertencendo aos “vitoriosos aliados” no pós guerra. Ele escolheu um lado e foi o lado dos derrotados, ele nunca

criou uma conexão com o país pelo qual lutou, nunca se livrando de seu forte sotaque francês que o marcava sempre como não alemão e, depois de tudo, ele retorna para a França, onde vive até hoje. Nos seus últimos momentos na Guerra, ele se recorda claramente o porquê dele e dos homens ao seu redor lutarem, e, diferente das ocasiões passadas em que Scheiderbauer era o que mais englobava o soldado alemão, Sajer com este relato expressa muito melhor o porquê da luta incessante desses combatentes. Ele diz:

Ao enfrentar o furacão russo, nós corremos para onde podíamos. Mas raramente tínhamos escolha, e nos tornamos heróis sem glória, que de alguma maneira fomos capazes de conjurar forças superiores às do inimigo. Nós não lutávamos mais por Hitler, ou pelo Nacional-Socialismo, ou o Terceiro Reich – ou mesmo nossas noivas, ou mães, ou famílias todas presas em cidades destruídas por bombardeios. Nós lutamos por simples medo, que era nosso poder motivador. A ideia da morte, até quando nós a aceitamos, nos fazia uivar com um ódio impotente. Nós lutamos por razões que talvez fossem vergonhosas, mas são, no fim, mais fortes que qualquer doutrina. Nós lutamos por nós mesmos, para que não morrêssemos em buracos cheios de lama e neve; nós lutamos como ratos, os quais não hesitam em atacar com suas presas a mostra quando encurralados por um homem infinitamente maior que eles (SAJER, 1965, p.206).

O medo, querendo ou não, é o que une esses homens no final. Seja o medo da morte ou o medo do futuro incerto, mas o medo foi a força motriz para essas defesas desesperadas e, como Sajer descreve, de glórias vazias.

Por fim, cabe aqui uma breve discussão sobre o uso da memória como fonte primária em um trabalho histórico. Trabalhar com a memória não deixa de apresentar seus problemas. O mais simples sendo a veracidade das memórias relatadas. Não se afirmar aqui que o indivíduo, relatando-as, esteja mentindo propositalmente, o que também pode acontecer, mas que sua mentalidade no presente pode influenciar suas memórias quando tenta recordá-las. Beatriz Sarlo, em seu livro *Tempo Passado – Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*, citando Paolo Rossi, historiador e filósofo italiano, diz: “A memória, como se disse, ‘coloniza’ o passado e o organiza na base das concepções e emoções do presente” (ROSSI apud SARLO, 2007, p.66).

Entretanto, a memória também proporciona aspectos únicos e visões inéditas sobre assuntos, até então, obscuros ou esquecidos. Sobre isso, Sarlo escreve:

A memória e os relatos da memória seriam uma “cura” da alienação e da coisificação. Se já não é possível sustentar uma Verdade, florescem em contrapartida verdades subjetivas que afirmam saber aquilo que, até três

décadas atrás, se considerava oculto pela ideologia ou submerso em processos pouco acessíveis a simples introspecção. Não há Verdade, mas os sujeitos, paradoxalmente, se tornam cognoscíveis (SARLO, 2007, p.39).

Com a memória, há a valorização do indivíduo; é um estilo de fonte que é cheia de humanidade, uma fonte viva, que é carregada de sentimentos e muitas vezes isso influencia uma visão mais técnica e factual, que fornece um leque de opções muito maior quando se trata de temas em que se procura a reação humana a algo. Sajer e suas memórias são um exemplo disso. Seus relatos foram fortemente criticados pela pouca veracidade histórica, mas como ele mesmo diz, seu livro nunca foi feito com o intuito de relatar e documentar fatos históricos, e sim descarregar as emoções que ele tinha acumuladas em si a respeito de suas experiências na guerra. Pelas suas memórias, é possível ver a frustração que milhares de soldados alemães possivelmente sentiram no pós-guerra, o sentimento de que sua luta e sacrifícios foram todos em vão e que suas histórias não valem a pena serem recordadas, devendo ser apagadas. O recurso à memória é uma maneira única de se ter acesso à identidade e mentalidade de um grupo, já que memória e identidade estão extremamente ligadas e que uma é criada a partir do outra.

A memória é uma ferramenta extremamente útil no arsenal do historiador e, como toda ferramenta, é necessário entender em quais situações ela precisa ser empregada. O relato não é algo que deva ser levado como palavra gospel e nunca ser questionado; isso nunca foi o ponto proposto. Pelo contrário, por ele, é possível acessar uma gama de novas visões e possibilidades. E o que é a história se não diversas possibilidades de como se construir o passado?

No final, Sajer e Scheiderbauer se unem para completar a imagem do soldado alemão, seus relatos compactuando para criar a identidade deste soldado que é tão humano quanto qualquer outro. O soldado alemão é aquele de quem se espera completo sacrifício e resignação, aquele de quem se espera atos horrendos em prol de uma causa ainda pior, aquele que é visto como uma máquina e ferramenta. Os relatos desses dois soldados nos mostram, contudo, um outro lado, aquele com medos, com ansiedades, com remorsos, com paixões, com empatias, com humanidade, aquele que, também citando Sajer, por vezes é coberto de glória e outras derrotado e abatido. No final, o soldado alemão é um ser em perpétuo paradoxo, preso entre ser a vítima do contexto e mundo em que viveu, mas também o carrasco que, no final, servia para atingir os objetivos nazistas, mesmo quando

milhares deles acreditavam estar lutando pela Alemanha e não pelo partido.

Referências Bibliográficas

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FRITZ, Stephen G. **Frontsoldaten: The German Soldier in World War II**. Universidade de Kentucky Press: Lexington, Ky., 1995.

GROSSMAN, Dave. **On Killing: The Psychological Cost of Learning to Kill in War and Society**. Nova York: Open Road Media, 2014.

MASSON, Philippe, CORRÊA, Angela M. S. **A Segunda Guerra Mundial - História e Estratégias**. São Paulo: Contexto, 2010.

SAJER, Guy. **The Forgotten Soldier**. Nova York: Harper & Row, 1971.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado: Cultura da Memória e Guinada Subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHEIDERBAUER, Armin. **Adventures in My Youth: A German Soldier on the Eastern Front 1941-45**. Solihull: Helion & Company, 2003.